

GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS

**UMA PRIORIDADE
PARA SEMPRE**

ROSÁRIO OLIVEIRA

**«LOCCIMETRO»:
UMA METÁFORA
PARA A REINVENÇÃO
DO LUGAR**

MARIE-CHRISTINE LABOURDETTE

**MUSEUS
SUSTENTÁVEIS –
MUSEUS DO AMANHÃ:
PERSPETIVAS
DE FUTURO**

ANNE GRADY/LÚCIA SALDANHA

**TURISMO CULTURAL
SUSTENTÁVEL:
NÃO SEPARAR O
QUE É INSEPARÁVEL**

REP



PAULO PEREIRA

**ARQUITETURAS
MARGINADAS II:
O MEU «COMBOIO
ELÉTRICO»**



JOÃO PAULO MARTINS

**PATRIMÓNIO MÓVEL
CONTEMPORÂNEO:
(RE)CONHECIMENTO
E SALVAGUARDA**

ÂNGELA MELO

**AS FACHADAS DO
TEATRO NACIONAL
DE SÃO JOÃO,
NO PORTO**



**REVISTA
PATRIMÓNIO
NÚMERO SEIS
NOV. 2019
15€**

GUILHERME MACHADO VAZ

**A RECUPERAÇÃO
DO EDIFÍCIO
DA REAL VINÍCOLA
EM MATOSINHOS**

O ensino do reúso de edifícios modernos e o projeto participado



Gonçalo Canto Moniz

Centro de Estudos Sociais, Departamento de Arquitetura, Universidade de Coimbra.
gmoniz@uc.pt

Na transição para o século XXI, as instituições ligadas ao património começam progressivamente a preocupar-se com o vasto conjunto edificado ao longo do século XX e com o seu significado no quadro das políticas patrimoniais, o que obriga a uma mudança de paradigma, quer na prática profissional quer na formação dos técnicos. Já não se trata do problema da conservação de obras excecionais do passado mas sim do reúso de um grande número de edifícios existentes, tanto para acolher a mesma função como para adaptar a funções distintas. Assim, quer nos espaços de debate, como o DOCOMOMO ou o ICOMOS, quer nas escolas de Arquitetura, desenvolvem-se investigações, diálogos e atividades com o objetivo de caracterizar este conjunto construído e de promover o ensino e a aprendizagem da transformação destes edifícios ou conjuntos urbanos. Considerando que grande parte destes edifícios ainda está habitada e a funcionar, torna-se fundamental integrar os atores sociais, através de estratégias de projeto mais colaborativas e inclusivas. Este artigo discute esta abordagem e apresenta um caso de estudo desenvolvido no âmbito do projeto europeu Reuse of Modernist Buildings.

←

Bairro Norton de Matos, Coimbra, Janeiro Godinho, 1940s. Área urbana moderna, objeto de estudo no trabalho académico «Reutilizar a escola para transformar o Bairro Norton de Matos», Atelier de Projeto, 1C, 2017-2018. Varela Pécurto.

→

Escola Primária Bairro Norton de Matos, Coimbra. Escola primária moderna, objeto de estudo no trabalho académico «Reutilizar a escola para transformar o Bairro Norton de Matos», Atelier de Projeto, 1C, 2017-2018. João Plácido Santos, 1970.



Intervenção em edifícios modernos

No século XX, construiu-se um conjunto edificado que superou largamente o legado deixado pelos séculos anteriores. As cidades cresceram e o território foi substancialmente urbanizado com infraestruturas que redesenharam a paisagem urbana e rural. Não só se construíram mais edifícios como também se desenvolveram novos programas e novos processos de construção.

Na transição do século XX para o século XXI, as instituições ligadas ao património começam progressivamente a preocupar-se com este legado e com o seu significado no quadro das políticas patrimoniais, o que obriga a uma mudança de paradigma. Assim, a intervenção em edifícios modernos, construídos entre 1925 e 1965, constitui uma questão recente para a arquitetura, apesar de amplamente discutida desde 1988, principalmente nas conferências e nas publicações do DOCOMOMO¹.

A reflexão sobre este problema centrou-se, num primeiro momento, na investigação e nos projetos de intervenção das obras mais significativas, como a casa Tugendhat em Brno de Ludwig Mies van der Rohe ou o sanatório de Zonnestraal em Hilversum de Jan Duiker. Debateu-se assim, largamente, o significado cultural e arquitetónico dos edifícios e conjuntos urbanos, as estratégias de restauro, a fragilidade técnica, a materialidade, a especificidade do programa, o enquadramento político e social, o contexto urbano e paisagístico, etc.

Este elevado grau de exigência começou a ser objeto de cursos de conservação e restauro que formaram arquitetos para a resolução deste problema específico. Rapidamente, essas obras conquistaram um estatuto patrimonial e tornaram-se objetos museológicos integrantes de uma identidade global e local, que são referências de um período histórico que interessa salvaguardar.

Contudo, num segundo momento, entendeu-se que o problema das obras excepcionais era significativamente distinto do problema das obras correntes que construíram as cidades em dois períodos de grande expansão: após as duas grandes Guerras Mundiais, entre 1918 e 1940 e após 1945 até ao final dos anos 60. Este fenómeno é possível observar em todo o mundo, mesmo nos países que não estiveram diretamente ligados a essas Guerras. Os bairros de habitação ou as áreas industriais que emergem nas periferias das cidades são talvez o melhor exemplo deste processo global, ainda que sempre marcado por questões locais (políticas, económicas, culturais, etc.). Neste caso, as obras têm um valor relativo, muitas vezes como objetos que dão forma a um conjunto, outras vezes como objetos que ainda apresentam qualidades espaciais ou construtivas que importa reutilizar.

Após décadas de uso intenso e, em muitos casos, de abandono, este enorme conjunto edificado está hoje em rápido processo de transformação, desde o restauro à demolição, passando pela reabilitação ou pela reutilização, ainda que, muitas vezes, para um uso temporário. Estas obras não adquirem facilmente o estatuto patrimonial, apesar de constituírem um importante legado da cultura e da sociedade moderna que interessa valorizar.

Os arquitetos convidados para intervir nas obras-mestras do Movimento Moderno foram selecionados, de um modo geral, entre três tipos: os estudiosos do Movimento Moderno, os que têm uma formação específica ou aqueles que já tinham um reconhecimento público. Contudo, no caso da intervenção nas obras correntes, coloca-se um problema distinto. O aumento exponencial das intervenções nos últimos anos obriga o mercado a recorrer a arquitetos generalistas, sem uma especialização específica, podendo qualquer profissional ser confrontado com este tipo de encomenda. Assim, a formação de base do arquiteto nas escolas de Arquitetura, e não ao nível da pós-graduação, tem de integrar a reabilitação de edifícios modernos, tanto no âmbito da Teoria da Arquitetura como no contexto do Projeto e da Construção, com Ateliers de Projeto, onde a prática do projeto explore metodologias e ferramentas apropriadas à resolução dos problemas específicos da arquitetura e da cidade moderna.

A formação do arquiteto e o reuso de edifícios modernos

Em Portugal, a formação do arquiteto tem vindo a transformar-se ao longo dos tempos, de acordo com a atividade profissional dos arquitetos. São, quase sempre, os arquitetos que exigem uma reforma do ensino, para dar resposta às exigências da prática profissional. É neste sentido que o ensino artístico, também denominado de *beaux-arts*, foi substituído por um ensino moderno na década de 1950 (Moniz: 2011), para fazer face à dimensão técnica, programática e urbana que a arquitetura e a cidade moderna, da era industrial, colocavam aos arquitetos. Este modelo de ensino é, contudo, posto em causa ao longo das décadas de 1950 e 1960, porque se começa a exigir que o arquiteto tenha também uma função social e política no que diz respeito aos problemas urbanos, nomeadamente sobre as questões relativas aos centros históricos e aos conjuntos edificados. Com a entrada dos cursos de Arquitetura no sistema universitário, a partir do início da década de 1980, a formação adquire um caráter científico e emergem linhas de

→

Mónica Oliveira, Noémi Loureiro, Martina Coronel Piatti, Emílio Andres Olague, «A tua Escola pela Cidade». Atelier de Projeto, 1C, DARG-FCTUC, 2017-2018. Atividades de projeto entre os estudantes de Arquitetura e os alunos da escola primária: repensar os espaços da escola na sua relação com a cidade. Maqueta da estrutura da escola que permite repensar a sua relação com os espaços de aprendizagem.

investigação dedicadas ao estudo da História e da Teoria da Arquitetura e da Cidade, começando-se a conhecer e a inventariar a produção arquitetónica e urbana realizada em Portugal, nomeadamente a mais recente, produzida no contexto público e, também, no privado.

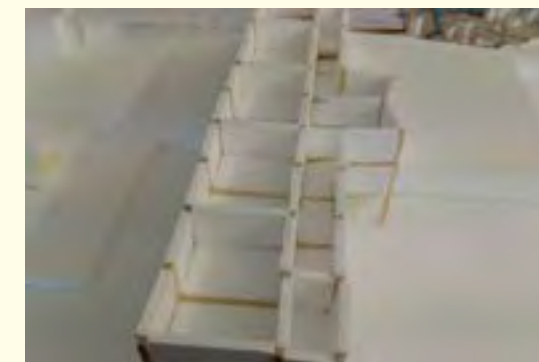
A arquitetura moderna, construída entre 1926 e 1974, é assim objeto de reflexão teórica, com o objetivo de lhe conferir um valor patrimonial, mas não de uma reflexão de caráter prático, que garanta a sua conservação ou a sua adaptação às exigências da vida contemporânea. Assim, após os primeiros trabalhos de investigação no âmbito de mestrados e doutoramentos, começam a pontuar nos currículos das diversas escolas as disciplinas de História e de Teoria da Arquitetura Moderna.

Contudo, no início do século XXI, os edifícios modernos têm de um modo geral cerca de 50 anos e, por isso, entram num processo de degradação ou mesmo de inadaptação, começando a ser abandonados e eventualmente até demolidos. As instituições dedicadas ao património, principalmente pré-industrial, lançam o alerta para a necessidade de salvaguardar conjuntos edificados modernos ou mesmo peças exemplares, identificadas nos referidos estudos teóricos.

Nos congressos do DOCOMOMO e do ICOMOS, esta questão entra na ordem do dia. No III DOCOMOMO Ibérico, realizado no Porto em 2001, por um lado, Alexandre Alves Costa (2002) alerta para a necessidade de «musealizar ou abandonar», de modo a garantir a dignidade do projeto moderno e, por outro, Josep Maria Montaner (2002) explica a dificuldade em intervir em edifícios que têm uma grande fragilidade técnica, devido ao seu caráter experimental pelo uso de novos materiais, nomeadamente o ferro, o betão armado, ou as telas de impermeabilização, sendo que têm também uma grande exigência funcional, por darem resposta a programas muito específicos, como é o caso dos hospitais, das escolas ou das fábricas.

Apesar de alguns congressos integrarem uma sessão sobre «ensino da arquitetura» (*Architectural Education*), só a partir de 2008 o DOCOMOMO promove uma sessão sobre «ensino da transformação» (*Education in Transformation*), focando o debate no projeto de reabilitação e ampliando a abordagem da conservação para a readaptação, que seria consagrada apenas em 2016, em Lisboa, na 14th International DOCOMOMO Conference, com o tema Adaptive Reuse – The Modern Movement Towards the Future e com a sessão «ensino do Re-uso» (*Education for Reuse*) (2016).

Nesta sessão de Lisboa, apresentam-se diversos programas educativos focados no projeto de reuso dos edifícios modernos, quer em contexto de atelier de projeto, de licenciatura, de mestrado, de investigação ou de formação profissional. De facto, a especificidade deste problema tem gerado uma necessidade efetiva de promover programas educativos transversais, quer para estudantes quer também para profissionais e





←
Mónica Oliveira, Noémi Loureiro, Martina Coronel Piatti, Emilio Andres Olague, «A tua Escola pela Cidade». Atelier de Projeto, 1C, DARQ-FCTUC, 2017-2018. Planta geral que interpreta a articulação entre a escola e a cidade.

para cidadãos. Das diferentes abordagens, interessa identificar a necessidade de conhecer o objeto de estudo através da experiência, «aprender fazendo» ou «reflexão-ação», para usar as expressões de Dewey (1936) ou Schon (1984). O conhecimento do edifício não se limita apenas ao seu projeto inicial mas também às transformações impostas pelo tempo e pelo uso, centrando a análise e o projeto na apropriação que as pessoas fizeram do espaço. Assim, as metodologias de análise utilizam as técnicas mais convencionais, como a visita ao local, os desenhos de levantamento, os documentos de arquivo, a pesquisa bibliográfica, e integram também outras técnicas importadas das ciências sociais que permitem conhecer socialmente o edifício, como a entrevista, a fotografia, o vídeo e a visita guiada, onde os usuários partilham o seu conhecimento. Neste sentido, tais experiências pedagógicas privilegiam o edifício e o seu contexto urbano, cultural e social, introduzindo uma diferença substancial, relativamente aos programas pedagógicos para os edifícios pré-modernos.

O Design Studio e o projeto participado

Perante este contexto, o programa europeu Erasmus Plus financiou o projeto de investigação pedagógica RMB – *Reuse of Modernist Buildings*² (2017-2019), que concilia diferentes abordagens ao problema da adaptação dos edifícios a novos contextos, de acordo com a perspetiva dominante em diferentes escolas de Arquitetura europeias. Neste sentido, as questões programáticas e tipológicas são desenvolvidas na instituição coordenadora, Detmold (OWL), as questões técnicas e construtivas, em Istambul (ITU), a abordagem mais científica e ambiental, em Lisboa (IST), as técnicas de conservação patrimonial, em Antuérpia (UA), enquanto a integração dos aspetos sociais e culturais é explorada em Coimbra (UC), em articulação com o Centro de Estudos Sociais.

No âmbito deste projeto, o mestrado integrado em Arquitetura da Universidade de Coimbra tem desenvolvido uma experiência piloto no *atelier* de projeto sobre reuso de edifícios modernos, que será integrada num futuro mestrado europeu. Neste caso, considera-se que a arquitetura moderna espacializa uma proposta social que transforma o uso dos espaços mas também a relação entre os edifícios e a cidade. O edifício é, assim, parte de um sistema mais complexo, de relações sociais e ambientais, que não podem ser desvalorizadas no processo de transformação, seja de reabilitação ou de reuso. De facto, a arquitetura moderna construiu uma teia de ligações entre os espaços de habitar e os equipamentos urbanos, sejam eles educativos, de saúde, administrativos ou comerciais. Quando uma das peças entra em rutura, há um impacto efetivo na cadeia de relações da qual fazia parte. Assim, quando um conjunto habitacional sofre um processo de degradação, isso afeta os espaços escolares e comerciais do bairro, bem como os espaços públicos ou as infraestruturas e vice-versa.

O *atelier* do projeto «Reuso de Edifícios Modernos» tem assim uma abordagem eminentemente social, onde se pretende compreender os problemas e as soluções a partir da realidade, a partir das pessoas que habitam o conjunto urbano, quer a habitação quer os equipamentos. Assim, o edifício e a cidade transformam-se num laboratório vivo, que desenvolve soluções de projeto inovadoras baseadas nas experiências e nas competências dos cidadãos em diálogo com os técnicos, sejam eles arquitetos, engenheiros, geógrafos, sociólogos ou antropólogos.

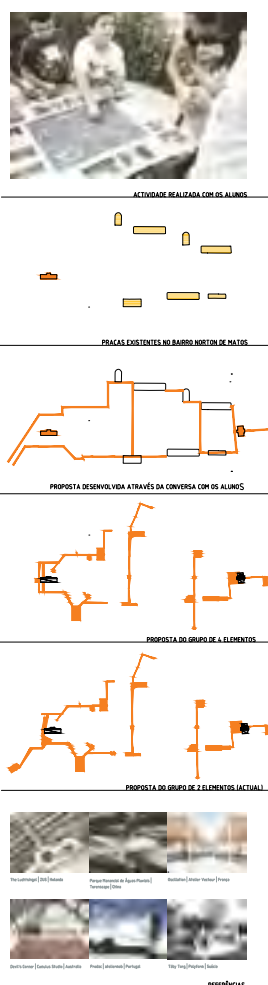
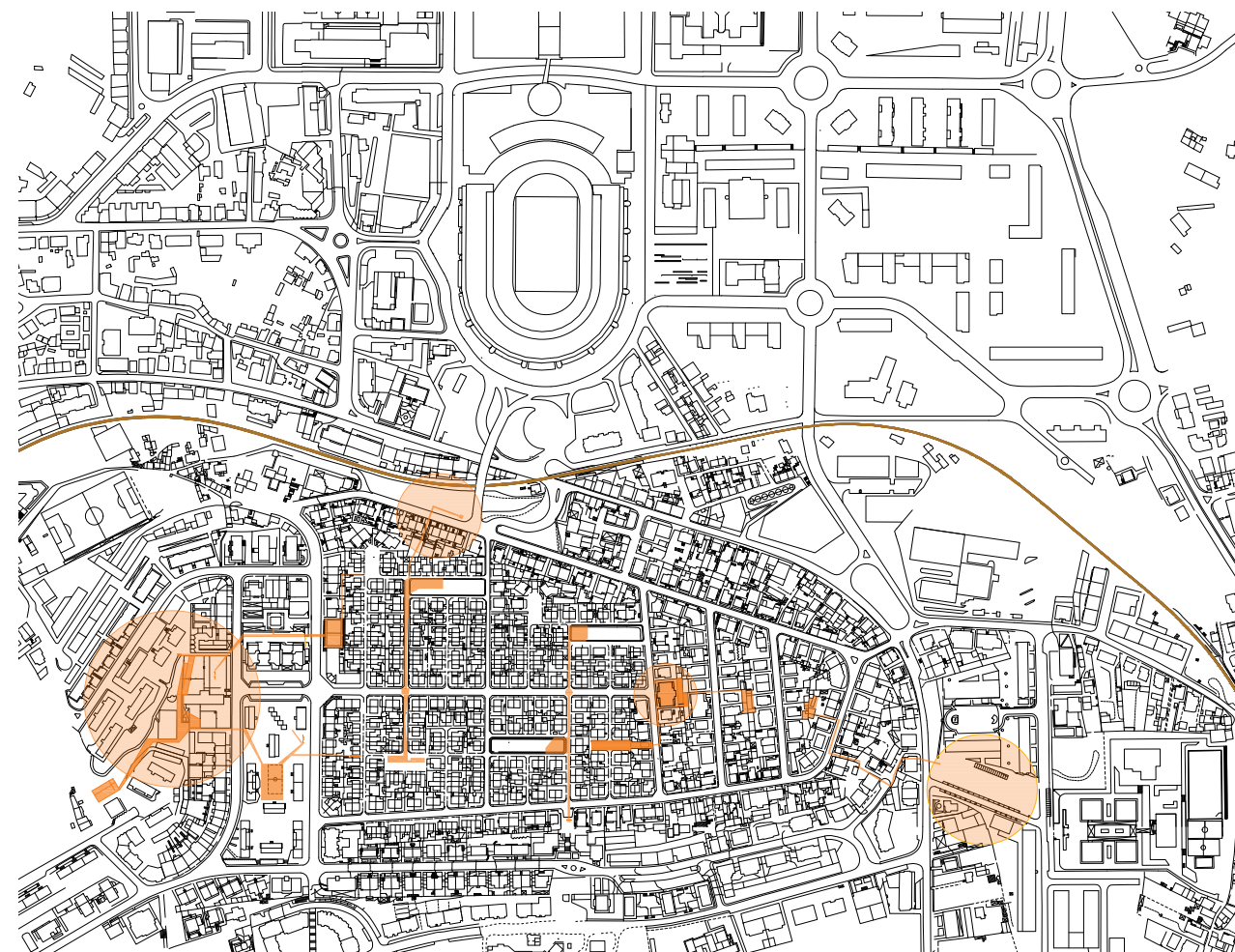
Deste modo, o projeto de reuso de um edifício é desenvolvido em simultâneo mas articuladamente em quatro disciplinas: Construção e Tecnologia (Construção), Teorias e Práticas da Reconstrução (Construção), Suportes Físicos para a Arquitetura e o Urbanismo (Geografia), Antropologia, Cultura e Arquitetura (Antropologia)³.

O trabalho prático decorre ao longo do ano letivo a partir de um conjunto edificado que é objeto de transformação. Contudo, para intervir no espaço construído, o projeto deverá não só transformar o objeto de estudo como também integrá-lo numa estratégia urbana de densificação, avaliar o seu funcionamento e considerar a sua atualização programática, promover mecanismos de participação com os atores sociais, explorar os sistemas construtivos que garantam a articulação com as estruturas existentes, a eficácia das opções construtivas adotadas e, por fim, o controlo sobre os aspetos formais e materiais.

O processo participativo pretende desenvolver um método de projeto que denominamos de cocriação, porque integra os utilizadores do espaço na construção da ideia do projeto através de um conjunto de atividades, que combinam ferramentas da antropologia e da sociologia com as ferramentas dos arquitetos, como o *design thinking*, através da maquete, a fotoelicitação, desenhando diretamente sobre fotografias, ou o *walkthrough*, pedindo aos cidadãos que nos façam uma visita guiada pelo edifício ou conjunto urbano. A estratégia de projeto ou mesmo os temas de projeto emergem indiretamente destas ações, o que permite desenvolver um quadro interpretativo que conduz ao projeto. Deste modo, as decisões do projeto são partilhadas, contribuindo para uma apropriação efetiva do projeto pela comunidade e evitando o tradicional vazio que existe entre o arquiteto e o usuário. Segundo Jeremy Till (2013, p. 14), «Participation effectively addresses this gap through involving the user in the early stages of architectural production, leading to an environment that not only has a sense of ownership but is also more responsive to change».

Assim, a questão fundacional, que Wessel de Jonge (2017, p. 101) coloca no seu livro sobre o *master* em Conservação e Conversão da Arquitetura Moderna, ganha aqui novos contornos: «The key question in each and every intervention decision is whether the priority lies with the preservation of the original idea, or the conservation of the original substance». Porém, no projeto participado, a decisão não cabe apenas ao arquiteto mas também aos atores sociais que habitaram, habitam ou habitarão o espaço, como sugere Tim Ingold (2002) «a building design through the practice of dwelling and sharing everyday life with stakeholders».

O papel do arquiteto integra, portanto, novas responsabilidades, não só porque tem de fazer escolhas estratégicas mas também porque tem de criar condições para que o cidadão possa participar delas.



↖
André Santiago,
Cláudia Ribeiro,
Renato Leal,
«A Escola pelo Bairro,
Reutilizar as escolas
para transformar
o Bairro Norton de
Matos». Atelier de
Projeto, 1C, DARQ-
-FCTUC, 2017-2018.
 Atividades de projeto
 entre os estudantes
 de Arquitetura
 e os alunos da escola
 primária: painel geral
 que interpreta
 a relação entre
 a escola e a cidade.

←
Maquetas da solução
final proposta
para a escola
e para o auditório.

↑
Maqueta da sala de
aula para estudar
os espaços de
aprendizagem
formal e informal.

NOTAS

1. O DOCOMOMO, Documentação e Conservação do Movimento Moderno, foi fundado na Holanda e está hoje sediado em Lisboa, no Instituto Superior Técnico, sendo presidido pela Professora Ana Tostões. Consultar www.docomomo.com.
2. Projeto RMB – Re-use of modernist buildings – Design tools for sustainable transformations, coordenado por Michel Melenhorst, financiado por Erasmus +, K2. Parceiros do Projeto: Hochschule Ostwestfalen-Lippe, Detmold School for Architecture and Interior Architecture – Germany; Istanbul Technical University, Department of Architecture – Turkey; Universidade de Lisboa, Instituto Superior Técnico – Portugal; Universidade de Coimbra, Departamento de Arquitetura – Portugal; University of Antwerp, Faculty of Design Sciences – Belgium; DOCOMOMO International – Portugal.
3. Estas disciplinas são coordenadas, respetivamente, pelos Professores Raimundo Mendes da Silva e Diogo Mateus, Luís Miguel Correia, António Rochette e Sandra Xavier.

BIBLIOGRAFIA

- COSTA, Alexandre Alves – Reconvensões contemporâneas e equipamentos culturais. *Equipamentos e infra-estruturas culturais: 1925-1965*. Porto: Docomomo Ibérico, 2002.
- DEWEY, John; RANGEL, Godofredo; TEIXEIRA, Anísio – *Democracia e educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- INGOLD, Tim – *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill* [S. l.]: Routledge, 2002.
- JONES, Peter Blundell; PETRESCU, Doina; TILL, Jeremy – *Architecture and Participation* [S. l.]: Routledge, 2013.
- KUIPERS, Marieke; JONGE, Wessel de – *Designing from Heritage: Strategies for Conservation and Conversion*. Delft: TU Delft – Heritage & Architecture, 2017.
- MELENHORST, Michel et al. (EDS.) – *Detmold Conference Week 2017*. Detmold: Detmolder Schule für Architektur und Innenarchitektur, 2017.
- MONIZ, Gonçalo Canto – *O ensino moderno da arquitetura: A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2011. Tese de doutoramento, 2011.
- MONIZ, Gonçalo Canto; QUIROGA, Carolina; POTTS, Uta – Education for Reuse. Em TOSTÕES, Ana; FERREIRA, Zara (Eds.) – *Adaptive Reuse – The Modern Movement Towards the Future*. Lisboa: Docomomo International, 2016.
- MONTANER, Josep Maria – Revitalización de la arquitectura moderna: fragilidad y precisión funcional. *Equipamentos e infra-estruturas culturais: 1925-1965*. Porto: Docomomo Ibérico, 2002.
- SCHON, Donald A. – *The Reflective Practitioner: How Professionals Think In Action* [S. l.]: Basic Books, 1984.